

**V Reunião Sul-Brasileira de Feijão e
Reunião Anual Paranaense**

ANAIS

Promoção e Realização

**INSTITUTO AGRONÔMICO DO PARANÁ - Iapar
GOVERNO DO PARANÁ - SECRETARIA
DE ESTADO DA AGRICULTURA E
ABASTECIMENTO - SEAB**



Londrina-PR
21 e 22 de agosto de 2001

TENDÊNCIAS DE MERCADO E ALTERNATIVAS DE COMERCIALIZAÇÃO DA CULTURA DO FEIJÃO

Lídia Pacheco Yokoyama

Embrapa Arroz e Feijão. - Santo Antônio de Goiás/GO

lidia@cnpaf.embrapa.br

O feijão é um alimento básico para o brasileiro, chegando a representar um componente quase que obrigatório da dieta da população rural e urbana. O cultivo desta leguminosa é bastante difundido em todo o território nacional. É reconhecida como cultura de subsistência em pequenas propriedades, muito embora tenha havido, nos últimos anos, crescente interesse de produtores de outras classes, em cujo sistema de produção são adotadas tecnologias avançadas, incluindo a irrigação por aspersão. O sistema de comercialização é o mais variado possível, com predomínio de um pequeno grupo de atacadistas que concentra a distribuição da produção, gerando, muitas vezes, especulações quando ocorrem distorções na média da produção.

Considerando todos os gêneros e espécies de feijão englobados nas estatísticas da FAO (1999), das 17.619,0 mil toneladas produzidas na safra 1998, a Ásia foi o maior continente produtor, participando com 48,6% da produção mundial, vindo a seguir Américas do Norte/Central (19,7%), América do Sul (16,3%), África (11,8%), Europa (3,4%) e Oceania (0,2%). Em termos de país, o Brasil é o segundo maior produtor de feijão do mundo, perdendo apenas para a Índia. Na safra 1998, cerca de 63,8% da produção mundial de feijão foi obtida em apenas seis países, sendo eles a Índia (20,4%), o Brasil (12,4%), a China (8,6%), o México (8,4%), os Estados Unidos (7,9%) e Myanmar (6,1%). O feijão é cultivado em aproximadamente 100 países em todo o mundo, envolvendo um grande número de gêneros e espécies, o que dificulta uma análise comparativa dos índices de produtividade por espécie.

Apesar de o volume da produção mundial de feijão ser inexpressivo, cerca de 8% a 10% são produzidos para exportação, e apenas dois países o fazem com mais frequência (Estados Unidos e Argentina). Isto explica, assim, o fato de o feijão ser um produto de mercado doméstico instável, caracterizado ainda por uma diversidade de tipos de grãos ofertados para atender às diferentes preferências dos consumidores.

Analisando-se somente o gênero *Phaseolus* (feijão comum), o Brasil é o maior produtor do mundo, seguido pelo México. Não obstante, a produção brasileira é insuficiente para abastecer o mercado interno. No ano de 2000, importou-se cerca de 90 mil toneladas, sendo a maior parte de feijão preto, proveniente da Argentina e do Chile. Eventualmente, o Brasil também importa feijão do México, da Bolívia e dos Estados Unidos.

Dos quatro países que compõem o Mercosul, o Brasil é o maior produtor e consumidor de feijão. Na safra 1998/99, a produção destes países alcançou 3.464,7 mil toneladas. Deste total, 87,5% foi produzido pelo Brasil, 10,5% pela Argentina e o restante, apenas 2,0% pelo Paraguai.

Dependendo da região, o plantio de feijão no Brasil é feito ao longo do ano, em três épocas. A primeira, também conhecida como safra das “águas”, ocorre de agosto a dezembro e concentra-se mais nos Estados da Região Sul; a segunda safra, ou da “seca”, abrange todos os Estados brasileiros e ocorre de janeiro a abril; a terceira safra, ou de “inverno”, concentra-se na região tropical e é realizada de maio até julho ou agosto, dependendo do Estado. Desta forma, durante todo o ano, em alguma região do País sempre haverá produção de feijão, o que contribui para a melhoria do abastecimento interno.

Nos últimos quinze anos, a área plantada no Brasil vem diminuindo gradativamente, de 5.317,1 mil hectares, em 1984/85, passou para 4.302,2 mil hectares, em

1999/2000, o que representou uma diminuição de 19,1%. A análise dos dados de produção, referentes a este mesmo período, já indicou um aumento (17,9%), pois, em 1984/85, foram produzidas 2.548,4 toneladas, enquanto, em 1999/2000, 3.005,6 mil toneladas. A produtividade apresentou um crescimento significativo (45,8%), de 479 kg ha⁻¹ passou para 699 kg ha⁻¹.

Ao analisar a produção nacional, por safra, no período de 1984/85 a 1999/2000, constata-se que os dados da primeira safra, ou das “águas”, tiveram uma redução da ordem de 12,4% quanto a área plantada (de 2.849,5 mil hectares passou para 2.497,6 mil hectares). No que se refere à produção houve um aumento de 16,9% (de 1.459,4 mil toneladas para 1.705,8 mil toneladas) e a produtividade passou de 512 kg ha⁻¹ para 683 kg ha⁻¹ (33,4%) (Tabela 1). A colheita desta safra está concentrada entre os meses de dezembro e março.

A análise dos dados da segunda safra ou da “seca”, expostos na Tabela 2, se, por um lado, apresentou índice expressivo de diminuição, na área plantada (28,5%), por outro, mostrou elevado aumento na produção (10,2%) e na produtividade (54,2%). A colheita desta safra ocorre entre os meses de abril e agosto.

Quanto à terceira safra ou de “inverno”, os índices dos últimos quinze anos (1984/1985 a 1999/2000) foram bastante diferentes dos da primeira e segunda safras, verificando-se aumentos de 14,4% da área plantada, 126,5% da produção e 98,0% da produtividade (Tabela 3).

Em geral, a produção desta safra é colocada no mercado entre os meses de agosto e outubro. Cabe destacar que, diferentemente do que ocorre na estrutura produtiva tradicional, conduzida com baixo nível tecnológico e em pequenas propriedades, nesta safra predominam os cultivos irrigados por aspersão, geralmente conduzidos em grandes áreas e com o emprego de tecnologias sofisticadas, o que explica, assim, os altos índices de produtividade obtidos. A produção de feijão na terceira safra foi introduzida na década de 80. e vêm ocupando gradualmente maior espaço entre os produtores mais profissionalizados dos Estados da Bahia, Minas Gerais, São Paulo e Goiás.

Apesar dos investimentos na safra de inverno serem relativamente elevados, acredita-se que pelas boas perspectivas de produção poderão tornar-se a solução para o equilíbrio de mercado e redução das oscilações de preço. Tem-se observado, na maioria dos casos, que o feijão constitui apenas uma atraente opção de plantio para o produtor mais tecnificado, pois se o mercado não for favorável à comercialização do produto, pode-se trocar rapidamente de cultura. Com a abertura de mercado, porém, esta atitude deixa de ser benéfica para o empresário agrícola, já que ele deverá fazer um planejamento do sistema de produção da propriedade para, no mínimo, um ano agrícola. Para tanto, deverão estar atentos aos problemas agrônômicos e econômicos afetos às culturas componentes do sistema de produção a ser implantado no próximo ano agrícola.

Em nível regional, a produção nacional de feijão, baseando-se em dados da safra de 1999/2000, apresentou os seguintes índices: Região Sul 38,1%, Região Nordeste 28,2%, Região Sudeste 21,4%, Região Centro-Oeste 8,5% e Região norte apenas 3,8%.

Analisando em termos de safra, em 1999/2000, na primeira safra a Região Sul apresentou 38,8% da produção total, vindo a seguir as regiões Nordeste (35,8%), Sudeste (17,9%), Centro-Oeste (7,4%) e Norte (0,1%). Na segunda safra a maior região produtora foi o Nordeste com 48,3% da produção, Região Sudeste 20,5%, Região Sul (16,5%), Região Norte 10,2% e a Região Centro-Oeste 4,5%. Vale lembrar que a maior parte da produção do Nordeste nesta safra é do feijão caupi. A terceira safra é cultivada por apenas três regiões, sendo elas a Região Sudeste (57,7%), Centro-Oeste (40,7%) e Sul (1,6%).

Em termos estaduais, por ordem decrescente, os cinco maiores produtores de feijão da primeira safra foram: Paraná, Bahia, Minas Gerais, Ceará e Santa Catarina; na segunda

safras, foram: Bahia, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco e Paraná; e a na terceira safra foram: Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso e Distrito Federal, também se tomando por base os dados da safra 1999/2000.

O consumo *per capita* do feijão tem sofrido grandes oscilações nos últimos quinze anos. Em 1989, o consumo *per capita* foi de 16,2 kg/hab/ano; em 1990, caiu para 14,5 kg/hab/ano; em 1995, aumentou para 18,9 kg/hab/ano; e em 1998 diminuiu para 13,8 kg/hab/ano (Tabela 4).

Segundo estimativa da Conab, em 2001 o consumo *per capita* deverá ficar em torno de 15,6 kg/hab/ano. Não há, contudo, perspectiva de que o consumo retorne aos patamares da década de 70, o qual chegou a alcançar 23-24 kg/hab/ano. Isto porque a substituição do feijão por outros alimentos, como o frango e o macarrão, e admitida como fato consolidado, devido, principalmente, ao preço destes produtos. Outro fator de mudança do hábito alimentar advém da nova situação vivenciada pela mulher brasileira que, exercendo uma função fora do lar, não mais dispõe de tempo para aguardar a cocção do feijão. Além disto, o êxodo rural para os grandes centros urbanos tem contribuído para a mudança do hábito alimentar.

Alguns aspectos de qualidade do produto são muito importantes para os consumidores, destacando o sabor e aspecto do produto. Quanto ao tipo, o feijão carioca domina o mercado, mas há nichos de mercados para outros tipos de feijões. Pode-se dizer ainda que, consumidores de renda mais alta têm claramente suas preferências por outros tipos de feijão, talvez haja um mercado potencial para feijão com qualidades especiais, como por exemplo com maior teor de fibra, ou mesmo para produtos industrializados.

Considerando que o feijão é uma das fontes de proteínas mais barata e o principal alimento em algumas regiões do País, e que as estatísticas mostram declínio do consumo *per capita*, conclui-se que, nos últimos quinze anos, não houve melhoria no padrão de vida da população brasileira, no que se refere à alimentação.

O mercado de feijão é muito instável (Figuras 1, 2, 3 e 4), sofrendo grande interferência de atuações informais de “atravessadores” na sua comercialização. O consumo, por sua vez, está inter-relacionado com o volume colhido no ano, pois o produto deve ser comercializado no mercado interno logo após a sua colheita e, preferencialmente, dentro da safra, pois é muito suscetível ao escurecimento rápido do tegumento devido ao envelhecimento, o que deprecia o valor comercial. Quando armazenado por mais de dois meses, sobretudo as cultivares de tipo “carioca”, sofre mudanças na coloração, e passa a ser menos aceito devido a sua difícil cocção.

São Paulo, um dos principais centros consumidores e formadores de preços, comercializa cerca de 30 mil sacas de 60 kg/dia, influenciando diretamente na formação dos preços no resto do país. Cerca de 90% do produto comercializado é constituído por cultivares do tipo “carioca” (popularmente denominado de carioquinha), proveniente de todas as regiões produtoras.

Apesar do mercado de feijão ser instável, é uma cultura que, conduzida com profissionalismo, tendo em mente três pontos-chaves, tais como: produtividade, qualidade e competitividade, sem dúvida alguma o produtor conseguirá sustentabilidade para se manter no mercado. A melhoria do sistema de comercialização de feijão no Brasil poderá ser efetivada mediante maior organização dos produtores, maior difusão das informações de mercado e ainda o desenvolvimento das bolsas de cereais. Os pequenos produtores poderão aumentar a sua lucratividade organizando-se em cooperativas ou associações.

Tabela 1 Área, produção e rendimento de feijão no Brasil, na primeira safra ou das “águas”, 1984/1985 – 1999/2000.

Safra	Área (1000)	Produção	Rendimento
1984/85	2849,5	1459,4	512
1985/86	2865,9	1006,7	351
1986/87	2875,8	1045,9	364
1987/88	3282,8	1613,9	492
1988/89	2624,3	1069,9	408
1989/90	2491,3	1106,2	444
1990/91	2974,9	1382,9	465
1991/92	2928,4	1552,6	530
1992/93	2323,8	1343,1	578
1993/94	2922,3	1676,8	574
1994/95	2622,6	1386,1	529
1995/96	2706,7	1328,1	491
1996/97	2482,8	1397,5	563
1997/98	1853,0	990,2	534
1998/99	2421,8	1516,2	626
1999/00	2497,6	1705,8	683

Fonte:

IBGE (Levantamento Sistemático da produção Agrícola, vários anos).

Tabela 2 Área, produção e rendimento de feijão no Brasil, na segunda safra ou da “seca”, 1984/1985 – 1999/2000.

Safra	Área (1000)	Produção	Rendimento
1984/85	2371,8	1003,4	423
1985/86	2514,8	1119,2	445
1986/87	2206,5	837,2	379
1987/88	2327,5	1041,3	447
1988/89	2394,1	1067,9	446
1989/90	1981,4	927,8	468
1990/91	2262,1	1112,8	492
1991/92	2040,6	1018,9	499
1992/93	1355,8	853,1	629
1993/94	2319,4	1394,2	601
1994/95	2195,7	1311,3	597
1995/96	2104,5	1305,2	620
1996/97	2236,6	1426,0	638
1997/98	1281,1	913,9	713
1998/99	1583,9	1096,6	692
1999/00	1695,1	1105,9	652

Fonte:

IBGE (Levantamento Sistemático da produção Agrícola, vários anos).

Tabela 3 Área, produção e rendimento de feijão no Brasil, na terceira safra ou de “inverno”, 1984/1985 – 1999/2000.

Safra	Área (1000	Produção	Rendimento
1984/85	95,8	85,6	894
1985/86	103,9	93,6	901
1986/87	139,5	123,0	882
1987/88	154,8	147,3	952
1988/89	156,8	170,5	1087
1989/90	207,4	199,2	960
1990/91	205,9	253,8	1232
1991/92	181,4	227,7	1256
1992/93	205,6	281,1	1367
1993/94	227,4	297,4	1308
1994/95	177,8	248,9	1400
1995/96	145,7	203,3	1395
1996/97	161,1	249,4	1549
1997/98	179,0	283,8	1585
1998/99	172,8	276,2	1598
1999/00	109,6	194,0	1770

Fonte: IBGE (Levantamento Sistemático da produção Agrícola, vários anos).

TABELA 4 Oferta e demanda de feijão no Brasil, 1985 –2001 (em 1000 t).

Ano	Área plantada (1000	Oferta				Demanda				Consumo per
		Estoque Inicial	Produção	Impor t.	Suprim. total	Consumo Aparente	Consumo	Export. t.	Estoque	
1985	5403,1	114,3	2534,7	15,3	2664,3	2.085,8	2366,8	9,7	287,8	15,8
1986	5910,6	287,8	2350,1	95,0	2732,9	2.093,1	2400,0	4,6	328,3	15,5
1987	5691,4	328,3	2108,3	35,0	2471,6	2.001,3	2300,0	3,9	167,7	14,6
1988	5824,8	167,7	2753,0	10,0	2930,7	2.346,8	2662,4	3,0	265,3	16,8
1989	5240,8	265,3	2367,2	25,0	2657,5	2.300,1	2580,7	0,0	76,8	16,2
1990	5046,5	76,8	2339,8	70,3	2486,9	2.104,0	2370,7	0,0	116,2	14,5
1991	5504,2	116,2	2806,2	88,6	3011,0	2.333,8	2638,2	0,0	372,8	15,9
1992	5482,4	372,8	2902,5	57,7	3333,0	2.489,2	2795,6	0,0	537,4	16,7
1993	4519,2	537,4	2379,1	54,9	2971,4	2.568,2	2771,8	0,0	199,6	16,9
1994	5644,4	199,6	3244,1	156,4	3600,1	2.867,7	3200,0	0,0	400,1	18,7
1995	5504,8	400,1	3157,8	189,5	3747,4	2.939,2	3300,0	0,0	447,4	18,9
1996	5289,0	447,4	2992,5	160,1	3600,0	2.939,5	3250,0	0,0	350,0	18,6
1997	5154,5	350,0	2914,8	157,4	3422,2	2.867,8	3200,0	4,0	218,2	18,0
1998	4826,3	218,2	2206,3	189,7	2614,2	2.249,0	2500,0	1,1	113,1	13,9
1999	4452,6	113,1	2895,7	90,0	3098,8	2.625,5	2950,0	2,0	146,8	16,0
2000	4557,3	146,8	3098,0	77,7	3322,5	2.625,5	2900,0	2,0	420,5	15,8
2001	4340,4	420,5	2909,6	90,0	3420,1	2.625,5	2900,0	2,0	518,1	15,6

* Estimativa

Fonte: Conab.

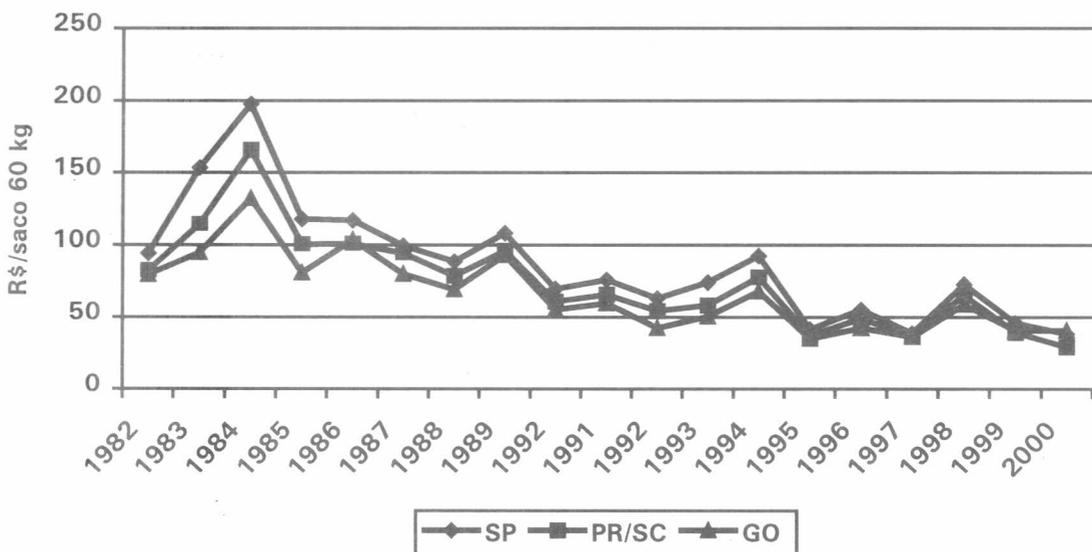


Fig. 1 Preço do feijão tipo “carioca” recebido pelos produtores em São Paulo, Paraná/Santa Catarina e Goiás. 1982-2000 (Preços corrigidos pelo IGP-DI da FGV para maio/2000).

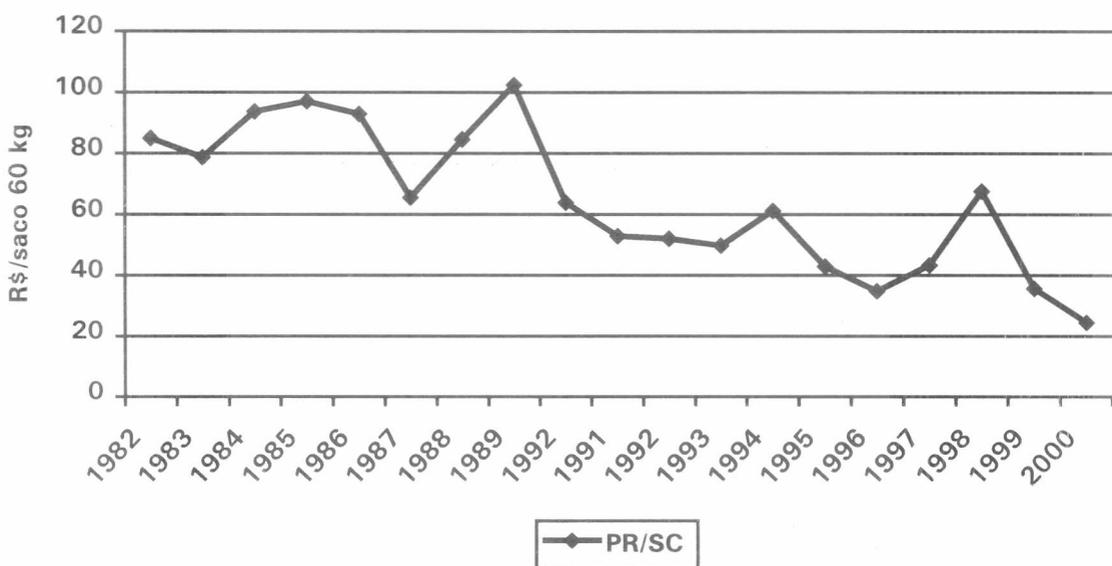


Fig. 2 Preço do feijão tipo “preto” recebido pelos produtores no Paraná/Santa Catarina, de 1982-2000 (Preços corrigidos pelo IGP-DI da FGV para maio/2000).

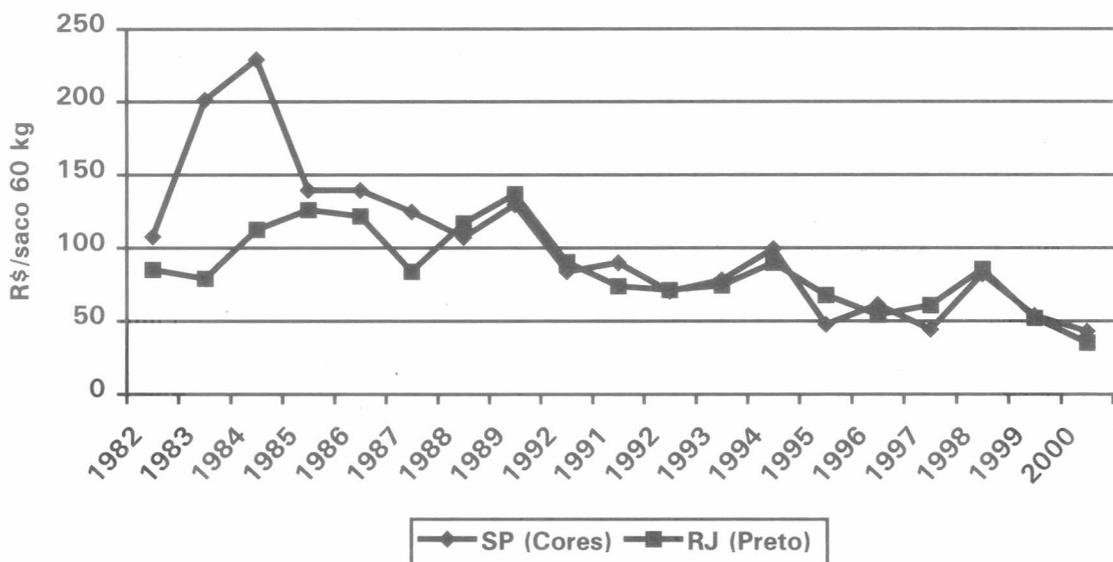


Fig. 3 Preço do feijão tipo “carioca” e “preto” no atacado em São Paulo e Rio de Janeiro, respectivamente. 1982-2000 (Preços corrigidos pelo IGP-DI da FGV para maio/2000).

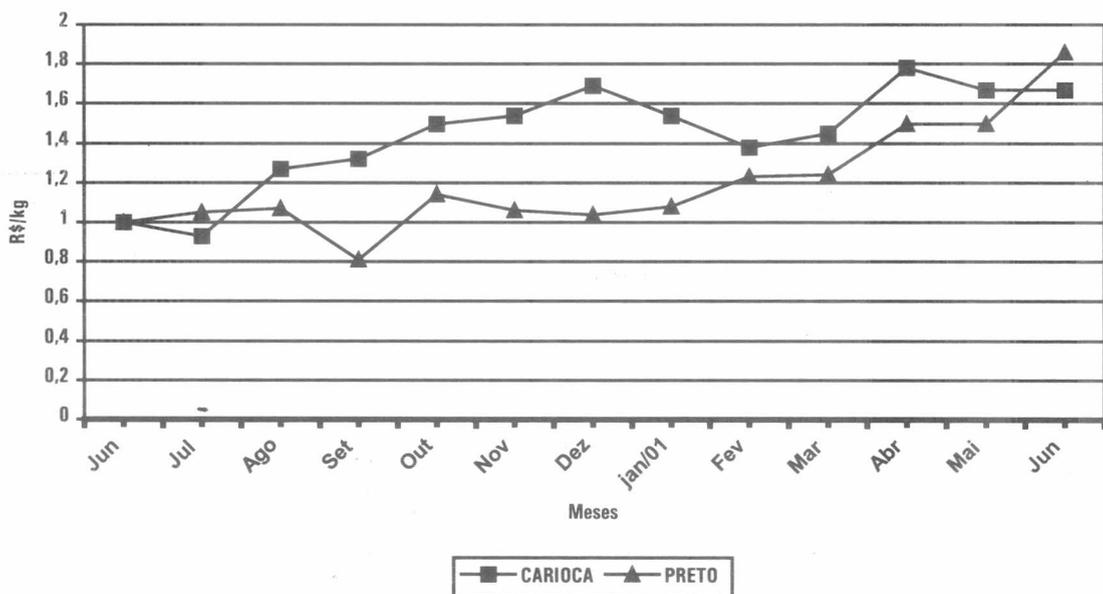


Fig. 4 Preço do feijão tipo “carioca” em São Paulo e “preto” no Rio de Janeiro em nível de consumidor (jun/2000 a jun/2001) corrigido pelo IGP-DI da FGV para maio/2000.